



ISSN 2446-757X



CÍRCULO DE GIZ

André Bueno • Alfredo Bronzato da Costa Cruz • Alessandra Serra Viegas •
Daniel Augusto Pereira Silva • Diogo Cesar Nunes • Eduardo Gusmão de
Quadros • Ian Almond • Júlio França • Leonardo Cesar do Carmo • Louise
Lemos de Azevedo • Marcelo Fonseca Alves • Maria João Cantinho

CÍRCULO DE GIZ ©

REVISTA CÍRCULO DE GIZ
REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE ARTES E HUMANIDADES

Rio de Janeiro

NÚMERO 1, VOLUME 1, ANO 1 (junho de 2015)

Semestral

ISSN 2446-757X

1. Humanidades - Periódico.
2. Artes - Periódico.
3. Filosofia - Periódico.
4. Multidisciplinar - Periódico.

Capa e diagramação: Diogo C. Nunes.

Fotografia da capa: Alfredo Bronzato.

Revisão e revisão técnica:

Louise Azevedo, Diogo C. Nunes,
Marcelo Fonseca Alves e Alfredo Bronzato.

Ilustrações: Anna Corina Gonçalves.



www.circulodegiz.org

Aryara contra os Filhos da Noite: fantasia e ciência em um conto de Robert E. Howard

Alfredo Bronzato da Costa Cruz*

RESUMO | O objetivo do presente trabalho é apontar como na narrativa de *Os Filhos da Noite*, de Robert E. Howard, publicado originalmente em 1931 pela revista *Weird Tales*, marcada pela regressão e/ou alucinação, imbricam-se temas da literatura fantástica e da discussão antropológica do começo do século XX.

PALAVRAS-CHAVE | Ciência e literatura; Fantasia e terror; Alucinação e verossimilhança; Racismo científico.

ABSTRACT | This work aims to point how in the narrative of *The Children of the Night*, by Robert E. Howard, originally published in 1931 by the *Weird Tales* magazine, themes of fantastic literature and the anthropological discussion of the beginning of XX century blend.

KEYWORDS | Science and Literature; Fantasy and Terror, Hallucination and Verisimilitude; Scientific Racism.

Com alívio, com humilhação, com terror, compreendeu que ele também era uma aparência, que outro o estava sonhando
J. L. Borges (2001 [1941], p. 504).

1. NA EDIÇÃO DE MAIO DE 1931, A REVISTA *WEIRD TALES* PUBLICOU o conto *Os filhos da noite* de Robert E. Howard (1906-1936).¹ A *Weird Tales* surgiu em 1924, proclamando a si mesma como *uma revista única*. Sua proposta era dar ao mercado narrativas curtas, a maior parte das quais compostas por autores jovens, que publicações literárias já consagradas recusavam-se a aceitar. A *Weird Tales* foi a primeira revista comercial a publicar os contos de Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), apesar de em seu início haver uma evidente predileção por estórias tradicionais de fantasmas. Depois de seu primeiro ano de existência, um novo editor alterou seu subtítulo para o de *uma revista do*

* Mestre em História pela UNIRIO (2013) e doutorando em História pela UERJ; bacharel e licenciado em História pela PUC-Rio (2009).

¹ Para a pesquisa a respeito da obra de Howard, felizmente se pode contar com o utilíssimo levantamento bibliográfico realizado por Paul Herman (2008). Dos muitos volumes de estudos até agora produzidos a respeito deste autor, consultei para a preparação do presente texto duas coletâneas organizadas por Don Herron (2000 e 2004) e a editada por Darrell Schweitzer (2010).

incomum e do bizarro. Rapidamente esse programa começou a ser atendido, e um número do fim de 1924 publicou uma aventura passada na pré-história escrita por Howard, um desconhecido e algo excêntrico escritor texano que contava então com dezoito anos de idade (Burke, 2008, p. XVII).

A estreita associação de Howard com a *Weird Tales* manteve-se nos doze anos seguintes. Durante este período, a revista publicou quarenta e oito contos e vinte e um poemas de sua lavra; seus escritos estavam entre os mais populares do periódico, juntamente com os de Lovecraft e Seabury Quinn (1889-1969). A fama de Howard repousa largamente nos seus contos protagonizados por Conan, Kull, Salomão Kane, Bran Mak Morn e Turlogh O'Brien, estórias que fundaram um novo subgênero literário conhecido como *espada e magia* (*sword and sorcery*), reunindo características da fantasia heroica e da literatura de horror. Mesmo seus contos de horror de corte mais tradicional contêm elementos pronunciadamente românticos. Ainda que correspondente e profundo admirador da estética da pequenez e do desespero ensejados pelo *horror cósmico* de Lovecraft e pela exaltação imaginativa de Clark Ashton Smith (1893-1961), Howard vazou suas narrativas com preocupações profundamente humanas, com batalhas, equívocos, ambições, paixões e interesses que eram exacerbados e estilizados em sua pena, mas não de todo desconhecidos da experiência da maior parte das pessoas comuns (Burke, 2008, pp. XVII-XVIII; Corrêa, 2013, pp. 13-15).

Mais ou menos um ano depois de dar início a uma abundante troca de correspondência com Lovecraft, foi que Howard compôs *Os filhos da noite*, trabalho pelo qual recebeu a quantia de \$60 (Burke, 2008, p. XXI).² No início desta estória ele faz referência a três contos daqueles que chama de “os três mestres das histórias de terror”: *A queda da casa de Usher* (1839), de Edgar Allan Poe (1809-1849), *A novela da chancela negra* (1895), de Arthur Machen (1863-1947), e *O chamado de Cthulhu* (1928), de Lovecraft (Howard, 2013, p. 283). O relato de Howard, entretanto, não é um simples pastiche de nenhuma dessas estórias, mas uma reelaboração imaginativa de certo ângulo do material cultural que lhe era disponível e que também se espelhava, refletia e deformava os contos citados de Machen e Lovecraft.

² A maior parte da volumosa correspondência trocada entre estes dois autores encontra-se agora publicada, em uma edição acompanhada de um comentário muito minucioso (Lovecraft & Howard, 2009).

2. O conto, narrado em primeira pessoa, começa descrevendo a reunião de seis colegas no estúdio de um deles, local decorado de forma extravagante, que reunia livros diversos e peças recolhidas no mundo inteiro. No princípio, há um acalorado debate antropológico a respeito dos caracteres fisiológicos e da ancestralidade da *raça alpina*. Na década de 1930, antropologia era majoritariamente um campo do saber referente à constituição física dos diversos povos e às suas possíveis proveniências; o que debatem dois dos personagens reunidos é a relação entre hereditariedade e determinações ambientais na conformação dos caracteres fisiológicos de uma dada população humana (Castro Faria, 2006, ps. 17-18 e 32-35). O narrador, John O'Donnell, pontua que todos os reunidos vinham da mesma cepa, “quer dizer bretões ou americanos descendentes de britânicos”, representando “várias linhagens de sangue inglês e celta, mas no final essas linhagens eram basicamente a mesma”. Um deles, entretanto, intrigava-o, parecendo “estranhamente diverso”: Ketrick, de olhos “de um tom âmbar, quase amarelo, e um pouco oblíquos”, que, quando vistos de determinados ângulos, “pareciam rasgados como os de um chinês”. Tratava-se de traço “incomum em um homem de ascendência anglo-saxônica pura”, como os anais familiares atestavam ser o caso. De acordo com o narrador, o nome *Ketrick* seria a forma moderna de *Cedric*, linhagem que estava registrada no *Livro dos nobres* e que, apesar de ter escapado para o País de Gales antes da invasão das Inglaterra pelos dinamarqueses, manteve sempre o costume de casar seus herdeiros homens com mulheres de famílias inglesas da área da fronteira, de tal modo que “assim preservaram a linhagem pura dos poderosos Cedric de Sussex – quase saxões puros”. Tudo isso tornava apenas mais intrigante o caso daqueles olhos oblíquos. Excluída a possibilidade de eles se deverem a alguma misteriosa influência pré-natal, cria-se tratar de “um atavismo, representando uma regressão da espécie às características de algum antepassado obscuro e remoto de sangue mongólico – um tipo estranho de regressão, uma vez que ninguém [mais] de sua família exibia tais traços”. Afora este “defeito em seus olhos, se é que pode ser chamado de defeito”, havia ainda uma “ligeira e ocasional sibilação na fala”, “uma leve frieza e certa indiferença e dureza que talvez sirvam para mascarar uma natureza extremamente sensível” (Howard, 2013, pp. 280-281).

Das questões antropológicas, a conversa dos colegas reunidos volta-se para o conteúdo das prateleiras do estúdio no qual se encontram, “repletas de prazerosos pesadelos de todos os tipos”, onde

“a literatura fantástica parece competir com obras sobre feitiçaria, vodu e magia negra” (Howard, 2013, p. 282). A contiguidade dos debates é reiterada pelo comentário desta seleta de volumes; o tema da pureza das linhagens, das modificações corporais ensejadas nas coletividades humanas pelo tempo e pelo espaço, da mestiçagem e dos atavismos costura-se de forma pouco sutil àquele dos estranhos costumes religiosos dos povos não europeus, de seu suposto caráter de populações testemunhas de tempos primitivos, que já teriam sido há muito superados pelas nações melhores dotadas, postas pelo destino e por seus próprios méritos na vanguarda da história (Castro, 2005, pp. 27-33). Surge a questão de se saber se alguns destes antigos cultos, agora encontrados nas terras da barbárie, mas antes dispersos por todas as terras, ainda sobreviveria mesmo no coração do mundo civilizado, em seus ângulos e sinuosidades pouco exploradas. O Prof. Kirowan declara que não consegue fazer sua “mente acreditar que ainda existam remanescentes desses cultos escondidos em cantos obscuros do mundo atual”, mas Clemants lhe obsta com uma experiência de sua juventude, do tempo em que dividia um alojamento universitário com um sujeito que, embora “viesse de uma antiga linhagem escocesa de Galloway, tinha um tipo nitidamente não ariano”. Esse companheiro de Clemants falava dormindo, e ele começou “a ouvir e a agregar seus resmungos desconexos”; foi nesses murmurários que ouviu sobre um culto antigo,

[...] sobre o rei que governa o Império das Trevas, que é um renascimento de um império mais antigo e mais terrível, datando da Idade da Pedra; e sobre a enorme e inominável caverna onde está o Homem das Trevas, a imagem de Bran Mak Morn, escavada à perfeição por uma mão de mestre quando o grande rei ainda era vivo, e até a qual todos os adoradores e adoradoras de Bran fazem uma peregrinação uma vez na vida. Sim, esse culto ainda está vivo entre os descendentes do povo de Bran; uma corrente silenciosa e desconhecida que flui no grande oceano da vida, esperando que a imagem de pedra do grande Bran respire e se move em um súbito retorno à vida, e saia da grande caverna para reconstruir seu império perdido (Howard, 2013, pp. 285-286).

Clemants esclarece que as pessoas deste império eram os pictos; não os selvagens pictos de Galloway, “predominantemente celtas, uma mistura de galeses, cymrics, aborígenes e possivelmente elementos teutônicos”, mas “pessoas de baixa estatura, pele morena, comedoras de alho, de sangue mediterrânico, que trouxeram a cultura neolítica para a Grã-Bretanha”. Se esta raça antiga tomou seu nome dos adventícios, ou

vice-versa, não estava claro; o caso é que eles teriam sido os primeiros colonizadores das Ilhas Britânicas e sua presença às margens da História deu “origem às histórias de espíritos que vivem na terra e duendes”. Conrad, o dono do estúdio, discorda desta última afirmação, certo de que o folclore atribui uma aparência desfigurada e não humana a esses personagens, e de que “não havia nada nos pictos que provocasse tanto horror e repulsa aos arianos”. Para Conrad, isso se explica pelo fato de que “os mediterrânicos foram precedidos por um tipo mongólico, muito baixo na escala do desenvolvimento, motivando essas lendas...” (Howard, 2013, p. 286-287).

A esta hipótese, o Prof. Kiowan responde que crê improvável que uma tal população humana tenha chegado à Grã-Bretanha antes dos pictos. As lendas sobre gnomos e duendes travessos, afinal, podiam ser encontradas por todo o continente europeu, e isso lhe parecia evidenciar “que tanto os mediterrânicos quanto os arianos trouxeram essas lendas com eles”, lendas que eram elaborações do contato real, ocorrido sabe-se em qual remotíssimo tempo, em qual distante paragem asiática, destes povos com grupos de “mongólicos antigos [que] deviam ter um aspecto extremamente não humano”. Em resposta a esta objeção, Conrad mostra aos colegas reunidos uma marreta de pedra recentemente descoberta por um mineiro nas colinas do País de Gales e que lhe parece um objeto ainda inexplicado, pois em nada similar a outros objetos do período neolítico encontrados na mesma região: “[...] Vejam como é pequena, comparada à maioria dos instrumentos daquela época, quase como um brinquedo de criança. Ainda assim, é surpreendentemente pesada, e sem dúvida poderia desferir um golpe mortal”. Para O'Donnell, o objeto parecia “estranhamente diferente”, de uma pequenez “um tanto inquietante”, sugerindo “coisas tão sinistras como uma adaga de sacrifícios asteca” (Howard, 2013, p. 288).

Para tornar a peça inteligível, Conrad talhou-lhe um suporte em madeira de carvalho, copiando nele “o acabamento dos tempos primitivos, fixando a cabeça à fenda do cabo com couro cru”. Um dos presentes, Taverel, toma a peça em suas mãos e, na tentativa de golpear um antagonista imaginário, quase estilhaça um caríssimo vaso chinês. Não é o caso de que fosse inapto, mas era que a estabilidade da marreta era “toda fora de eixo”, e seria necessário que se reajustasse inteiramente a “mecânica de firmeza e equilíbrio para conseguir manejá-lo” de forma conveniente. Ketric pega o objeto de seu colega e o manipula de forma desajeitada, tentando dar com o segredo de seu manuseio.

Depois de algum tempo, irritado, brande a marreta e desfere um forte golpe na direção de um escudo pendurado em uma parede próxima a ele. O'Donnell, que estava próximo, vê a peça pré-histórica “ondular em sua mão como uma serpente viva, e seu braço se torcer e deslocar de rumo”; ouve gritos de alarmada advertência; após o impacto da relíquia contra a sua cabeça, mergulha na escuridão de um desmaio (Howard, 2013, pp. 288-289).

3. Pouco mais tarde, O'Donnell começa lentamente a despertar. Domina-o uma sensação de “entorpecimento, cegueira e total desconhecimento” a respeito de onde estava e de quem era; “depois uma vaga compreensão de estar vivo e ser alguém, e de alguma coisa dura pressionando as costelas”. Quando a bruma se abriu e voltou a si por completo, surpreendeu-se deitado de costas, com metade do corpo sobre um arbusto e a cabeça pulsando fortemente. Com o couro cabeludo muito ferido, tinha o cabelo coberto de sangue e endurecido. Vestia apenas uma tanga de camurça e sandálias do mesmo material, e o que pressionava suas costas de maneira tão desconfortável era uma machadinha, sobre a qual havia caído. Era simultaneamente o mesmo e uma outra pessoa. Encontrava-se em uma grande e densa floresta, à beira de uma clareira sombreada, escura mesmo durante o dia. Ouvia um burburinho abominável, que o atormentou e fez recobrar total consciência. “O barulho era algo como uma linguagem, mas não as linguagens às quais os homens estão acostumados. Soava mais como um sibilar incessante de muitas serpentes enormes”. Com estes sons, chegaram também os cheiros e os relances de uma carnificina: na clareira defronte, jazia o que restara de cinco de seus companheiros, terrivelmente mutilados. Ao seu redor, aglomeravam-se estranhas figuras,

[...] humanos ou algo parecido, embora eu não os considerasse como tal. Eles eram baixos e atarracados, com cabeças grandes demais para os corpos tão pequenos. Seus cabelos eram enrolados, parecendo serpentes, e fibrosos; seus rostos largos e quadrados, com nariz achatado, olhos horrivelmente rasgados, um talho fino como boca e orelhas pontudas. Usavam peles de animais, [...] mas as vestiam cruas. Carregavam arcos e flechas pequenos, com ponta de pedra, e facas e porretes também de pedra. Conversavam em uma língua tão assustadora como eles mesmos, uma fala sibilada, de répteis, que me causava medo e aversão (Howard, 2013, pp. 289-290).

Enquanto estava deitado, observando-os, ferido, O'Donnell lembrou-se do que havia acontecido. Ele, que então se chamava Aryara,

era um dos seis jovens membros de um grupo de caça do Povo da Espada que havia perambulado demasiado para o interior da antiga floresta que seus correligionários normalmente evitavam. Cansados pelas manobras da caçada, pararam para descansar. Enquanto ele fazia o primeiro turno de guarda, acabou caído no sono; cochilando, acabou golpeado. Aqueles que haviam se esgueirado entre as árvores e dilacerado seus colegas não haviam parado para dar cabo de sua vida; talvez o tivessem esquecido por algum tempo, mas decerto logo se lembrariam de que estava caído ali às margens da clareira. Havia uma oportunidade de escapar às carreiras e preservar sua vida, mas Aryara não podia fazer ou desejar isso. Afinal, como voltar para os seus com semelhante “história de infâmia e desgraça”? Como ouviria as palavras de desprezo que sua tribo lhe lançaria, como suportaria “as moças apontando seus dedos desdenhosos para o jovem que dormira e entregara seus companheiros às facas dos seres peçonhentos?” (Howard, 2013, p. 291).

As lágrimas arderam em seus olhos e o ódio tomou conta do seu peito e da sua mente. “Nunca triunfaria sobre inimigos respeitáveis, nem morreria gloriosamente sob as flechas dos pictos ou as machadinhas do Povo do Lobo ou do Povo do Rio”, mas antes “encontraria a morte nas mãos de uma turba repugnante, que os pictos haviam forçado a morar na floresta, entocados como ratos, muito tempo atrás”. Com aquela paixão que só o mais absoluto desespero enseja, decidiu que faria com que sua queda, ainda que eventualmente ignorada e maldita por seu próprio povo, fosse lembrada por aqueles seres inferiores por muito tempo, se é que eles dispunham de memória. Movendo-se cautelosamente, tateou até alcançar o cabo de sua machadinha; invocou o deus de sua raça e levantou, “saltando como um tigre” sobre suas presas, de pronto arrebentando “um crânio chato, como um homem esmaga a cabeça de uma cobra”. Não deu atenção aos golpes que recebeu dos inimigos que o cercaram. Via uma névoa vermelha flutuar diante de seus olhos e sentia seu corpo e membros moverem-se em perfeita sincronia com sua mente guerreira. “Rosnando, ferindo e golpeando, [...] era um tigre entre répteis” (Howard, 2013, p. 292).

Diante da fuga daqueles pequenos adversários, Aryara seguiu-os: ainda não estava saciado. Encontrou e percorreu a trilha para onde o mais alto deles pretendeu escapar antes de encontrar a mais sangrenta das mortes. Carregando nas mãos a cabeça decepada desta sua vítima, acompanhou o caminho serpenteante, enquanto pensava naqueles que

havia matado. Sua tribo tinha aquele povo pequeno em tão pouca conta que nunca soube o nome pelo qual eles se chamavam; nenhum membro do Povo da Espada jamais aprendera as sibilacões de seu idioma antigo, designando-os apenas de Filhos da Noite. “[...] E eles eram de fato criaturas da noite, pois se esgueiravam pelas profundezas das florestas escuras e em moradias subterrâneas, só se aventurando nas colinas quando aqueles que os haviam subjugado dormiam. Era de noite que eles praticavam seus atos malignos – o voo rápido de uma flecha de ponta de pedra sobre uma rês ou talvez um humano notívago, ou o sequestro de uma criança que vagasse pela aldeia”. Contudo, seu nome devia-se a mais do que isso, pois “[...] eles eram, verdadeiramente, seres da noite e da escuridão, antigas sombras repletas do horror de eras passadas. Essas eram criaturas muito velhas que representavam uma época extinta. Já haviam infestado e dominado estas terras, e tinham sido levados à fuga e à obscuridade pelos sombrios, ferozes e pequenos pictos”. E se os pictos diferiam do Povo da Espada e dos grupos que lhe eram parentados por sua aparência geral – estatura menor, peles e olhos mais escuros, ao passo que Aryara e seus correligionários eram altos e fortes, de cabelos loiros e olhos claros – os Filhos da Noite não lhes pareciam humanos com seus corpos encolhidos e deformados, pele amarela e rostos horrendos (*Ibid.*, p. 294).

Praguejando pela certa morte em uma batalha sem glória contra os membros de um povo que lhe parecia tão inferior, Aryara prometeu a si mesmo em recompensa um massacre sangrento, que fosse memorável aos Filhos da Noite que dele porventura conseguissem escapar. Chegou a um dos vilarejos deles, com construções em forma de cúpula, feitas de terra, com entradas baixas que afundavam no chão, e lembrou-se das velhas histórias a respeito dos túneis抗igos aos quais aquelas moradas se conectavam por passagens subterrâneas, de forma que a aldeia inteira parecia-se com um imenso formigueiro ou casa de cupins. Irrompeu com toda a velocidade do meio da floresta, e foi recebido com um clamor selvagem que “veio da turba quando eles viram o vingador, alto, manchado de sangue e com olhos de fogo saltar da mata, gritando ferozmente, lançando a cabeça cortada entre eles e pulando bem no meio do grupo como um tigre ferido”. Não havia na mente de Aryara “nenhum brilho intenso de glória, [...] como haveria se o combate fosse contra oponentes mais meritórios”, mas “o velho e frenético furor guerreiro de sua raça” fluía célere em suas veias, “e o

cheiro de sangue e destruição estava em suas narinas”. Acumulando crânios esmagados, cabeças partidas, ossos quebrados, sangue e cérebros espalhados e membros mutilados, Aryara foi recebendo mais e mais golpes, cambaleando, sua vida se esvaindo por numerosos cortes e perfurações. A escuridão e o esquecimento da morte alcançaram-no enquanto ainda estava de pé, resistindo e matando (Howard, 2013, p. 296).

4. Morto Aryara, O'Donnell voltou a si. Encontrava-se novamente entre seus colegas, no estúdio de Conrad, com a cabeça dolorida e um filete de sangue já quase seco em seu rosto. Ao encarar Ketrick, parado bem à sua frente, “ainda segurando a marreta, seu rosto autoinstruído a mostrar uma perturbação cortês que seus olhos não exibiam”, foi tomado por “uma loucura sangrenta”; com um grunhido de ódio, atirou-se com toda a força contra o antigo colega. Pego de surpresa, Ketrick não pôde se defender das mãos que se fechavam contra a sua garganta; foi só a intervenção dos demais presentes que impediu o iminente assassinato. “Seus tolos!”, esbravejou, O'Donnell

[...] Soltem-me! Deixem-me cumprir o meu dever como membro da tribo! Seus cegos tolos! Eu não ligo a mínima para o golpe insignificante com que ele me atingiu. Ele e os seus já desferiram golpes muito mais fortes do que aquele contra mim, em eras passadas. Seus tolos, ele carrega a marca da besta, daqueles répteis, dos seres peçonhentos que nós exterminamos séculos atrás. Eu preciso esmagá-lo, exterminá-lo, livrar a Terra dessa contaminação maldita! (Howard, 2013, p. 299).

Ketrick sai rápido da sala; os colegas reunidos se horrorizam com o quanto o golpe perturbou a mente de O'Donnell. Este está seguro, contudo, que de alguma forma o golpe daquela peça pré-histórica mandou sua consciência de volta a um outro tempo, quando ela habitava em outro corpo. “Eu sou John O'Donnell e fui Aryara, que sonhou com glórias e batalhas, caçadas e festins e que morreu sobre uma pilha ensanguentada de suas vítimas, em uma época perdida”. Agora se recordava das antigas paisagens inglesas com os olhos de um e de outro, conectando o presente àquele passado remoto no qual as tribos arianas haviam chegado às Ilhas Britânicas depois de percorrer incontáveis quilômetros de florestas e planícies desde sua saída das terras do distante Leste, em “uma das centenas de migrações desconhecidas e esquecidas que espalharam tribos de cabelos loiros e olhos azuis por todo o mundo”. Do idioma de Aryara já não havia nenhuma lembrança em O'Donnell, mas ele sabia que o idioma daquele

“era para os antigos celtas o que o celta antigo é para os galeses modernos”. O deus que invocou naquela ida batalha contra os Filhos da Noite era “muito, muito antigo” e “trabalhava com os metais – na época, o bronze”; dele surgiram muitos outros, como “Weland e Vulcano, na Idade do Ferro”. Aryara-O’Donnel sabia que “tinha o mesmo sangue e a mesma aparência dos homens que devastaram Roma”, assim como o dos “helênicos e dos persas, que um dia foram um povo só e de mesma linhagem, divididos em dois caminhos diferentes na longa viagem e que séculos depois se reencontraram e inundaram de sangue a Grécia e a Ásia Menor” (Howard, 2013, p. 300-302).³

Ketrick, por outra parte, era uma regressão da espécie. Um atavismo referente “não a espécie de algum chinês ou mongol puro de tempos recentes”, mas dos aborígenes deformados que foram expulsos pelos arianos para as colinas isoladas do território galês, um dos quais, de alguma forma, conseguiu macular “o limpo sangue saxão da linhagem celta”, esgueirando-se por algum castelo dos Cedric em uma noite de descuido ou ressurgindo “das sombras para agarrar alguma mulher dessa linhagem que passeava pelas colinas”. Mais ainda: para Aryara-O’Donnel, pareceu claro que havia ainda outros “remanescentes da época dos répteis repugnantes” e jura exterminar Ketrick e a todos os seus parentes que pudesse encontrar.

[...] Dizem que o golpe que recebi afetou a minha cabeça, mas eu sei que apenas serviu para me abrir os olhos. Meu inimigo desde a antiguidade costuma andar sozinho por regiões desertas, atraído, mesmo que não saiba disso, por impulsos ancestrais. E em uma dessas caminhadas solitárias eu o encontrarei e, quando encontrar, quebrei seu pescoço impuro com as minhas mãos, assim como eu, Aryara, quebrei os pescoços de impuras criaturas da noite, em tempos

³ A origem comum de helenos e persas é agora assumida como um fato mais ou menos inconteste em boas pesquisas científicas sobre o assunto, com base na consideração de certos elementos culturais registrados pelos cronistas e historiadores da Antiguidade Clássica, eventualmente mesmo de forma não intencional: “[...] Os Plateenses, que combateram os persas ao lado dos Atenienses, ignoravam sem dúvida o parentesco que unia a simbólica da sua soberania à dos seus adversários. Porque, sabendo que o vermelho é a cor da guerra, e o branco a cor do clero, o rei Aquemênida, exprimindo as duas funções superiores, usava uma túnica púrpura decorada com barras brancas, e o seu toucado exprimia a mesma simbologia (segundo o historiador Curtius Rufas); o arconte de Plateias, por seu turno, herdeiro da antiga realzeza helênica local, traz sempre uma veste branca, exceto um dia por ano, em que reveste um manto vermelho, para honrar os soldados caídos em Maratona (diz Plutarco): a etiologia historicizante não deve iludir-se quanto ao arcaísmo do simbolismo que assim se exprime” (Sargent, 2012, p.473).

muito, muito distantes. § Então talvez eles me prendam e rompam o meu pescoço na ponta de uma corda, se assim o desejarem. Se os meus amigos estão cegos, eu não estou. E aos olhos do antigo deus ariano – ainda que não aos olhos cegos dos homens –, eu terei sido leal à minha tribo (Howard, 2013, p. 305).

5. *Os filhos da noite* é uma estória onde marcam presença todos os traços narrativos que ficaram associados no imaginário popular aos escritos de Howard em função do grande sucesso do bárbaro Conan. As cenas de violência, o furor guerreiro, o código de honra tribal, o ímpeto para a morte em combate, o desejo de gravar com aço e sangue uma série de proezas na memória coletiva são, neste sentido, típicas da literatura de fantasia que este autor compôs. Alguns dos analistas de sua obra viram nesta recorrente descrição de correrias violentas a expressão de uma subjetividade deprimida por não encontrar os meios convenientes de aliviar seus ímpetos agressivos, constrangidos pelas normas sociais que lhe pareciam tão férreas quanto espinhosas, que sentia de forma especial-mente aguda aquele mal-estar que, para Freud, é o estado característico do homem civilizado (Leiber, 2000; Guillaud, 2004; Peixoto, 2008).⁴

Também o tema específico do *povo pequeno*, de uma raça autóctone, pré-humana, ainda a viver – e a ameaçar – a humanidade de suas margens mais isoladas, lhe é característico. No mesmo ano da publicação de *Os filhos da noite*, Howard escreveu *O povo da escuridão*, também uma estória de recordação de vidas passadas narrada em primeira pessoa. O protagonista descreve uma de suas encarnações anteriores, quando era um herói bárbaro da tribo dos cimérios, de longos cabelos negros, que jurava por uma divindade obscura chamada Crom e habitava em um mundo de povos e civilizações cujo rastro não aparece em nenhum dos anais históricos conhecidos de nossa época. Nesta vida anterior, o protagonista-narrador teve de lidar com situações que guardam estranhos espelhamentos com sua encarnação atual; também precisou enfrentar um rival em combate, resgatar uma mulher amada e confrontar estranhas criaturas que habitavam o interior de uma caverna e que foram os primeiros habitantes das terras mais tarde ocupadas pelos celtas, pelos romanos e pelos saxões. Um povo moreno e atarracado, de traços mongoloïdes, que seria a base factual de todo o folclore sobre fadas, trolls, elfos, anões e bruxas (Howard, 2008, pp. 201-216).

⁴ Sobre as possibilidades e os limites do uso de tal espécie de abordagem no estudo da história da arte, considerados a partir do caso da pintura, ver Gombrich, 1999.

Em *Vermes da terra*, publicado no ano seguinte, Howard contou a estória de Bran Mak Morn, rei dos pictos, que jurou vingança contra o governador romano Tito Sulla depois de assistir à crucificação de um de seus companheiros de combate, culminação do longo massacre de seu povo promovido pelos invasores latinos. Para concretizar este intento violento, Morn entra em contato com os aqueles que chamam pela alcunha de *vermes da terra*, uma vertente primitiva do gênero humano que os primeiros pictos haviam conseguido banir para o interior das montanhas. Eles haviam sido pessoas que, por seu isolamento contínuo e pelos milênios de vida no subterrâneo, haviam modificado não apenas sua cultura, mas se tornado monstruosos e semirreptilianos, seguindo um caminho particular na evolução, desenvolvendo características biológicas que não se podiam encontrar no restante da humanidade. Morn consegue a ajuda do povo pequeno depois de roubar-lhes um importante item religioso, negociando devolvê-lo assim que Sulla lhe fosse entregue para uma batalha até a morte. Acontece, entretanto, que a mente do invasor romano é despedaçada no momento de seu contato com os vermes da terra, e o rei dos pictos mata-o não por vingança, mas por misericórdia; percebe, talvez um pouco tarde demais, que algumas alianças não devem nunca ser feitas, nem mesmo contra Roma (Howard, 2005). Em *O povo pequeno*, conto escrito talvez no mesmo período, mas publicado mais de três décadas depois da morte de Howard, a trama tem como protagonista um jovem aristocrata recém-chegado àquela “estrana região ocidental da Inglaterra”, na qual os mentres e cromeleques gravemente erguidos sobre as charnecas traziam “vagas memórias raciais” à superfície de sua “imaginação celta” (Howard, 2014, pp. 58-59). Depois de uma imprudência pouco importante, horríveis criaturas humanoides tentam raptar sua irmã e arrastá-la para suas habitações subterrâneas, e o homem envolve-se em uma correria para tentar livrá-la de um destino pior do que a morte.

Em *O povo pequeno* fica ainda mais evidente a filiação, já explicitada por Howard nos primeiros parágrafos de *Os filhos da noite*, com a mitologia particular de Arthur Machen, escritor galês que no fim do século XIX e início do XX escreveu uma série de contos que tinham como tema a ameaça constante destas sobrevivências pré-humanas que continuavam a habitar o interior do território mais ocidental da Grã-Bretanha. De acordo com Lovecraft, trata-se de fato, de “uma concepção fantástica que é a preferida” de Machen: “a ideia de que sob

os cômorfos e rochas das agrestes montanhas de Gales habita aquela raça pigmeia, primitiva e subterrânea cujos vestígios deram origem às nossas lendas populares de fadas, elfos e anões, e a cuja ação se atribuem ainda hoje certos desaparecimentos inexplicáveis e ocasionais substituições de crianças normais por estranhos *abortos*" (Lovecraft, 1987, p. 90). Este tema foi tratado de diferentes formas por Machen em *A pirâmide brilhante* (1894), *A novela da chancela negra* (1895), *A mão vermelha* (1895) e *O povo branco* (1899), e também encontrou expressão na obra do próprio Lovecraft; conforme demonstrou de Robert Price, há uma dependência direta de *O horror em Dunwich* (1928) e *Um sussurro na escuridão* (1930) em relação às ideias e aos textos citados de Machen (Price, 1993, pp. XI-XIII; Id, 1995, pp. IX-X).

Para Lovecraft, contudo, esse não era um tema propriamente fantástico, caso se compreenda fantástico como sinônimo de irreal; era antes uma elaboração daquilo que era, então, tido como material cientificamente comprovado. Tratando das origens da literatura de horror, esse autor assinalou que muito daquilo que havia de mais apavorante no fabulário ocidental devia-se

[...] indubitavelmente à presença oculta, mas frequentemente suspeitada de um repelente culto de adoradores noturnos cujos estranhos costumes – oriundos de tempos pré-arianos e pré-agrícolas, quando uma raça de atarracados mongoloides arianos pervagou a Europa com suas récuas e rebanhos – tinham raízes nos mais asquerosos ritos de fertilidade de eras imemoriais. Essa religião secreta, furtivamente passada de geração a geração de camponeses durante milhares de anos apesar do aparente reinado das fés druídica, greco-romana ou cristã nas regiões respectivas, foi marcada por selvagens *Sabás de feiticeiros* em matas solitárias ou montes remotos nas noites de Walpurgis ou no Hallowe'em, as quadras tradicionais de acasalamento das cabras, ovelhas e gado; e veio a ser fonte de uma abundante safra de lendas de feitiçaria, além de dar causa a inúmeros processos por bruxaria, sendo o episódio de Salem o principal exemplar americano (Lovecraft, 1987, p. 8. Grifo no original).

Tal trecho foi extraído de *O horror sobrenatural na literatura*, ensaio que foi solicitado a Lovecraft por seu amigo W. Paul Cook em 1924 e concluído após um longo programa de pesquisa e redação em 1927. Publicado neste mesmo ano, ele logo caiu no esquecimento geral; foi, entretanto, esporadicamente retomado, revisto e complementado por seu autor. Programou-se que o ensaio revisto seria publicado na revista *The Fantasy Fan* em princípio da década de 1930, mas este periódico

parou de circular antes que Lovecraft desse ao seu escrito uma forma que lhe parecesse inteiramente aceitável. Uma versão muito ampliada foi publicada em 1939 em *The Outsiders and Others*, volume póstumo de memórias de Lovecraft. Os editores August Derleth e Donald Wandrei organizaram o texto final. Este mesmo escrito foi publicado como um livro avulso em 1945, e assim ganhou um amplo conhecimento público (Bleiler, 1987, fls. 1-2). Durante este mesmo longo período de gestação de *O horror sobrenatural na literatura* (1924-1945), crescia em popularidade a obra da egíptóloga inglesa Margaret Murray (1863-1963), que assumiu, com os recortes oportunos, que as descrições dos sabás fornecidas pelas feiticeiras processadas pela inquisição e as histórias folclóricas a respeito de fadas e outros seres sobrenaturais que habitariam nas margens do mundo humano eram provas da existência de um culto secreto baseado em rituais de fertilidade e de uma cultura pré-histórica a subsistir sob as sucessivas camadas de domínio religioso celta, greco-latino e cristão na Europa Ocidental. Tais teses foram apresentadas em 1921 em *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, e retomadas e corroboradas com outros dados em 1933 em *O deus das feiticeiras*. Exemplo do prestígio dessa abordagem foi o fato de a *Encyclopædia Britannica* ter confiado a redação do verbete “Withcraft” à Murray logo depois da publicação de *O culto das bruxas na Europa ocidental*, e de este pequeno, mas significativo texto ter sido reeditado sem mudanças nas sucessivas edições desta prestigiosa coleção de referência durante quase meio século (Ginzburg, 1989, p. 186 e nota correspondente, n. 31, p. 277; Id, 2012, p. 20 e nota correspondente, n. 30, p. 315).

A hipótese de Murray encontra-se hoje quase completamente desacreditada, mas nas décadas de 1920 e 1930 era objeto de séria consideração como explicação científica para certos fatos antropológicos. O fato de sua descrição dos povos autóctones do paleolítico europeu e de suas sobrevivências em fases posteriores da história coincidir em larga medida com as descrições literárias feitas por Machen, Lovecraft e Howard a respeito deste mesmo tema (p. ex. Murray, 2002, pp. 39-43) remete-nos a um contínuo cultural, a certo substrato de senso comum científico no qual se incrustavam tanto estas produções explicitamente ficcionais quanto a literatura antropológica de Murray. Mas que isso não leve a supor relações simples: parece-me bastante provável que Howard não chegou diretamente ao argumento de Murray, mas deu com ele por intermédio de uma série de explícitas referências feitas por Lovecraft (p. ex. 2007, p. 84; 2013, p. 46), e viu-o com a lente de um aficionado leitor de Machen.

6. Um problema mais delicado é colocado, por outra parte, pelo uso da teoria e da mitologia ariana em *Os filhos da noite*. O fato da confirmação irrefutável destas estar colocado no plano da fantasia ou da alucinação causada por uma pancada na cabeça sugere uma recepção irônica, talvez crítica. A discussão da primeira parte do conto a respeito do mesmo tema, contudo, leva a pensar em uma relação mais sutil, calcada na problemática, estruturante na literatura fantástica, da oposição e complementaridade entre saber e falso-saber (Willemin, 2005, p. 37). A teoria ariana surgiu do desejo iluminista de desligar o passado europeu da tradição judaico-cristã e da florescência que, neste âmbito, sobreposto ao da escravidão africana e ao avanço da expansão colonial europeia na África e na Ásia, encontraram as antropologias poligenistas. Ela iniciou-se no campo da filologia e do estudo comparado das religiões e, tomada como um pressuposto, foi supostamente corroborada pelos estudos fisiológicos, históricos e arqueológicos do longo século XIX. De acordo com Léon Poliakov, a ideia de que havia uma raça ariana, matriz das civilizações do norte europeu, e de que ela seria originária dos altos planaltos da Ásia interior, foi aceita de forma quase dogmática pela maior parte da intelectualidade europeia e, por volta de 1860, “esta crença já fazia parte do equipamento intelectual de todos os europeus cultos” (1974, p. 242). Às expensas da prudência dos cientistas mais autorizados, a propaganda política estabeleceu o mundo de fala alemã como o *lócus* privilegiado de uma arianidade que supostamente fazia dos norte-europeus superiores a todos os outros povos do mundo – sem deixar, contudo, de fazer remontar à mesma linhagem dos germanos pré-históricos virtualmente todos os conquistadores da história: gregos e troianos, helenos e persas, celtas e romanos, entre outros.⁵ Passado o primeiro quarto do século XX, essa escola de pensamento encontrou sua máxima, mais caricata e mais violenta expressão no hitlerismo (*Ibid.*, p. 256).

A teoria ariana dependia de um maniqueísmo racial, de uma estrutura dualista de pensamento, e de uma confusão entre população – unidade de ordem biológica –, aptidão inata, cultura e valor moral. O

⁵ Um eco particularmente claro disto pode ser localizado, por exemplo, n’*A genealogia da moral* de Nietzsche: “Não há como se enganar: no fundo de todas essas raças nobres é impossível não reconhecer a fera loira que ronda, em busca de presa e de vitória; esse fundo oculto tem necessidade de aflorar de quando em quando; é necessário que o animal saia novamente, que retorne à amplidão selvagem – nobreza romana, árabe, germânica, japonesa, heróis homéricos, *vikings* escandinavos: todos são idênticos a esse respeito” (2009, p. 44).

grande *outro* dos arianos foram os semitas, e, mais especificamente, os judeus, considerados como parte de uma única população, como uma raça judaica. Podem-se citar numerosos autores que, de diferentes formas, corroboraram esta tese. Irei mencionar dois deles, a título de exemplo. O primeiro, Julius Lippert (1895-1956), opunha os arianos capazes de se estabelecer em comunidades agrícolas e os semitas fadados ao eterno nomadismo dos pastores, qualificando estes de “ramo completamente seco” da raça branca. Sua principal obra, *História cultural da humanidade em sua composição orgânica*, teve uma ampla recepção nos círculos intelectuais europeus, e em 1931 foi traduzida pelo antropólogo George Murdock (1887-1985) e publicada nos EUA, sob o título de *A Evolução da Cultura* (Poliakov, 1974, p. 263 e nota correspondente, n. 72). Esse esquema racista dominou virtualmente inconteste o mundo científico até o fim do século XIX, mas ainda não tinha produzido seus frutos mais sangrentos. Para Poliakov, “foi na própria época em que começou a ceder o lugar a outras concepções que se tornou um artigo de fé para o grande público” (*Ibid.*, p. 266).

Outro exemplo, talvez de autor ainda mais influente: Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), filho de um almirante inglês, educado na França, apaixonado pela Alemanha desde a adolescência e prolífico escritor. Em 1899 ele deu a público as mais de mil e quinhentas páginas de *Os fundamentos do século XIX*, que se propunha a ser um balanço de todos os conhecimentos de seu tempo. Tratava-se de obra de belo estilo, fundada na crítica da crescente especialização dos ramos do conhecimento, e que fazia uma aberta defesa do racismo pró-ariano; não por acaso, veio a ser uma das fontes diretas dos escritos de Alfred Rosenberg (1893-1946), ideólogo do Terceiro Reich.⁶ Nesta obra, entre outras peripécias, Chamberlain propõe uma peculiar reinvenção do tema do complô jesuítico, extraíndo de sua teoria da raça um novo argumento: a Companhia de Jesus seria a invenção de um homem que, antes de ser religioso, era um basco, um *anariano*; através de sua pessoa e obra, era sua raça primitiva que procurava “vingar-se de seus vencedores”. Para este autor de fim do Oitocentos,

[...] A Europa conta com centenas de milhares de homens que, como nós, falam línguas indo-europeias, que se vestem como nós, que participam da nossa vida, que são excelentes pessoas, mas que diferem tanto de nós, germanos, como se habitassem outro

⁶ O título da principal obra de Rosenberg, *O mito do século XX*, ecoa esta influência, e os vínculos entre os enlevos wagnerianos, a mística ariana, a recepção da obra de Chamberlain e a ascensão de Hitler são bem conhecidos (Cecil, 1972, pp. 11-13; Poliakov, 1974, p. 316)

planeta. Não se trata de um abismo como o que, em certos aspectos, nos separa dos judeus, mas acima do qual mais de uma ponte estreita conduz de uma extremidade à outra: trata-se de uma muralha, convenientemente intransponível, que separa um país do outro (cit. Poliakov, 1974, p. 314).

Some-se a eles, neste breve inventário, um autor de natureza diversa, que, não sendo um dos ideólogos do arianismo, colaborou para dar-lhe, contudo, uma de suas orientações fundamentais: Ernest von Salomon (1902-1972). Não se tratava de um literato profissional, como Lippert ou Chamberlain, nem de um antissemita convicto;⁷ mas antes de um membro de uma das *Freikorps* que, finda a Primeira Grande Guerra (1914-1918), seguiu ilegalmente para o território polonês, lituano e letão para lutar contra os bolcheviques.⁸ As potências ocidentais que erigiram um arcabouço legal para restringir a ação dos militares alemães permitiram que essas milícias continuassem armadas e operacionais, porque esperavam que elas detivessem o avanço soviético rumo ao centro da Europa. Mas algo mais do que o medo real ou artificialmente instaurado da ameaça comunista levou estes homens a continuar lutando; tratava-se de uma profunda identificação histórica da ação dessas unidades de guerrilheiros com a *Ritt gen Osten*, a marcha contra o Oriente, empreendimento dos séculos XIII e XIV no qual os Cavaleiros Teutônicos estenderam o domínio de populações germânicas

⁷ Em 1922, von Salomon, ainda menor de idade, envolveu-se no assassinato de Walther Rathenau, ministro de relações exteriores da República de Weimar, o judeu a alcançar o mais alto cargo público em um governo alemão até então, mas parece não ter sido movido neste empreendimento por uma orientação especificamente antissemita. De fato, certos autores indicam que ele se absteve do oportunismo político por ocasião da ascensão de Adolf Hitler ao poder, mantendo relações paradoxais com o novo centro do poder, que considerava aquém de seus altos ideais guerreiros. Veio a se filiar ao partido nazista apenas em novembro de 1938 e nunca foi especialmente militante nesta condição. Quando se considera que, a este período, era casado com Ille Gotthelft, de origem judaica, tal reserva ganha outro contorno. Von Salomon e esposa parecem nunca ter sido incomodados em função dessa união pelas autoridades nazistas. Depois de 1945, contudo, von Salomon descreveu o momento em que ele e Gotthelft foram detidos por militares norte-americanos, que, ao efetuarem sua prisão, insultaram-no e espancaram-no por seu envolvimento na morte de Rathenau e estupraram sua esposa.

⁸ Tais grupos viriam a ser modelo para as Waffen-SS da geração seguinte, e mais ainda: de acordo com Tom Reiss (2007, p. 238), “[...] De muitas maneiras, a violência naziista das *Freikorps* foi tão necessária ao triunfo dos nazistas quanto as bombas atiradas pelos revolucionários russos de 1870 o foram para a ascensão de Lenin. As *Freikorps* foram o último ingrediente que faltava para a criação do movimento nazista [na década de 1920] – sem elas o movimento jamais teria passado de um punhado de conspiradores, de políticos e de seus eventuais assassinos de aluguel”.

por toda a região báltica, marchando até as terras do Grão-Ducado de Moscou. Quando as *Freikorps* partiram em sua própria investida rumo ao interior russo, insistiram em se referir aos pontos intermediários não como Estônia, Letônia e Lituânia, mas antes por seus nomes alemães: Kurland, Livonia e Litauen. Seus membros escreveram e fizeram publicar extensos diários, memórias e poemas sobre sua luta contra o Exército Vermelho, orientados pela convicção de que travavam uma luta justa na reconquista de território que lhes era de direito, de alguma forma retomando o combate dos Teutônicos contra poloneses, moscovitas e tártaros. Desses textos, que iriam se tornar a leitura predileta dos recrutas da SS, tanto na Alemanha quanto fora dela, o mais ilustre foi o *Cavaleiros no Oriente*, de Ernst von Salomon. “Eu precisava pensar no passado”, escreveu esse autor, crendo ser uma espécie de “Cavaleiro da Ordem redivivo”, animado pela “sensação de que todo tempo que se passara entre as duas épocas [os séculos XIII-XIV e o XX] deixara de existir”. Ele relata como, quando de sua chegada na frente de batalha como voluntário para lutar contra os bolcheviques, foi tomado pela sensação de já ter feito isto em uma outra vida. O próprio odor do solo russo comoveu-o, “parecendo transformar o medo e a esperança em único sentimento”, e ele sentiu-se “transportado pela perigosa estranheza daquela terra, com a qual [...] sentia ter uma relação singular”. Quando seu carro de combate passou pela ruína de um dos antigos castelos teutônicos erguidos séculos antes às margens do Mar Báltico, uma questão lhe aflorou à superfície do pensamento:

Estariam aqueles castelos surpresos com a pequena bandeira com a cruz negra que se agitava em nosso blindado ao passar diante deles? Reconheceriam a insígnia em nossos capacetes, que outrora viram nas túnicas brancas de seus habitantes? (Liulevicius, 2000, pp. 234-236; cit. Reiss, 2007, pp. 207-208).

À luz do conto de Howard, as palavras de von Salomon e de Chamberlain, ainda que situadas em um outro contexto espacial, poderiam muito bem ter sido escritas por Aryara-O'Donnell, ou por qualquer um que se dispusesse a endossar a sério o seu recém-adquirido ímpeto de ser leal à sua tribo ariana pelo combate aos descendentes e eventuais remanescentes do *povo pequeno*. Tal fato evidencia de pronto o quanto é tênue, fina como um linho de cabelo, a fronteira entre literatura fantástica e as ideias científicas, convidando a recolocar de maneira mais complexa as relações ambíguas entre estes dois usos da

linguagem e formas de atribuir sentido à experiência humana no mundo.⁹



Referências bibliográficas

- Bleiler, E. F. Introdução à última edição americana. In: Lovecraft, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. (Prefácio de E. F. Bleiler; tradução e João Guilherme Linke). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- Borges, Jorge Luis. *Obras completas. V. 1: 1923-1949*. São Paulo: Globo, 2001.
- Burke, Rusty. Introduction. In: Howard, Robert Erwin. *The Horror Stories of Robert E. Howard*. Nova Iorque: Del Rey, 2008.
- Castro Faria, Luiz de. *Antropologia: duas ciências. Notas para uma história da antropologia no Brasil*. Brasília; Rio de Janeiro: CNPq; MAST, 2006.
- Castro, Celso. Apresentação. In: Castro, Celso (org.). *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- Cecil, Robert. *The myth of the master race: Alfred Rosenberg and nazi ideology*. Nova Iorque: Dodd, Mead & Co., 1972.
- Corrêa, Lilian Cristina. Apresentação: fantasia e mistérios. In: *Rosto de Caveira, Os Filhos da Noite e outros contos*. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- Cruz, Alfredo Bronzato da Costa. Antropologia, historicidade e terror. In: *II Congresso internacional Vertentes do insólito ficcional – SEPEL-II/UERJ. Rio de Janeiro, 28 a 30 de abril de 2014*. Rio de Janeiro: SEPEL-II/UERJ, 2014.
- Ginzburg, C. *História noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- Ginzburg, Carlo. Mitologia germânica e nazismo: sobre um velho livro de Georges Dumézil. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- Gombrich, Ernst H. A psicanálise e a história da arte. In: *Meditações sobre um cavalinho de pau e outros ensaios sobre a teoria da arte*. São Paulo: EdUSP, 1999.
- Guillaud, Lauric. Barbarism and Decadence. In: Herron, Don (org.). *The barbaric triumph*. Rockville: Wildside, 2004.
- Hall, Mark. Crash go the civilizations: somes notes on Robert E. Howard's use of History and Anthropology. In: Schweitzer, Darrell (org.). *The Robert E. Howard reader*. Rockville: Wildside, 2010.
- Herman, Paul. *The neverending hunt*. Rockville: Willside, 2008.
- Herron, Don (org.). *The barbaric triumph: a critical anthology on the writings of*

⁹ Um estudo que prosseguiu de maneira bastante proveitosa na direção que aqui indico é o de Mark Hall sobre os usos que Robert E. Howard fez dos conhecimentos da história e da antropologia de seu tempo (2010). Em comunicação recentemente apresentada, procurei fazer coisa semelhante em relação ao conto *A novela da chancela negra*, de Arthur Machen (Cruz, 2014). Este trabalho, revisto e bastante ampliado, está agora sendo preparado para publicação como monografia independente.

- Robert E. Howard. Rockville: Wildside, 2004.
- Herron, Don (org.). *The dark barbarian. The writings of Robert E. Howard: a critical anthology*. 2^a ed. Rockville: Wildside, 2000.
- Howard, R. E. *Bran Mak Morn: the last king*. Nova Iorque: Del Rey, 2005.
- Howard, Robert E. *Cultos Inomináveis*. Lisboa: Saída de Emergência, 2014.
- Howard, Robert Erwin. Os filhos da noite. In: *Rosto de Caveira, Os Filhos da Noite e outros contos*. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- Howard, R. E. *The Horror Stories of Robert E. Howard*. Nova Iorque: Del Rey, 2008.
- Leiber, Fritz. Howard's Fantasy. In: Herron, Don (org.). *The dark barbarian*. Rockville: Wildside, 2000.
- Liulevicius, Vejas G. *War Land on the Eastern Front: culture, national identity and german occupation in World War I*. Cambridge: Cambridge UP, 2000.
- Lovecraft, H.P.& Howard, R.E. *A means to freedom*. Nova Iorque: Hippocampus, 2009.
- Lovecraft, Howard P. *A tumba e outras estórias*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- Lovecraft, H. P. *O horror sobrenatural na literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- Lovecraft, H. P. *O mundo fantástico de H. P. Lovecraft*. Jundiaí: Clock Tower, 2013.
- Machen, Arthur. *O grande deus Pâ e outras histórias*. Lisboa: Saída de Emergência, 2007.
- Machen, Arthur. *O terror*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- Murray, M. *O culto das bruxas na Europa Ocidental*. São Paulo: Madras, 2003.
- Murray, Margaret. *O deus das feiticeiras*. São Paulo: Gaia, 2002.
- Niezsche, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Escala, 2009.
- Renato Amado. Robert E. Howard: o suicidado pela sociedade. In:
- Montenegro, Antonio Torres *et alli* (org.). *História, cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil*. Recife / Cuiabá: Ed. UFPE / Ed. UFMT, 2008.
- Poe, E. A. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- Poliakov, Léon. *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva; Ed. USP, 1974.
- Price, R. M. *The mythology of Hastur*. In: Price, R. M. (org.). *The Hastur Cycle: tales of Hastur, the King in Yellow and Carcosa*. Oakland: Chaosium, 1993.
- Price, Robert M. *What roodmas horror*. In: Price, Robert M. (org.). *The Dunwich Cycle: where the Old Gods wait*. Oakland: Chaosium, 1995.
- Reiss, Tom. *O Orientalista: desvendando o mistério da estranha vida de Kurban Said*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- Schweitzer, Darrell (org.). *The Robert E. Howard reader: essays on the life and works of Robert E. Howard*. Rockville: Wildside, 2010.
- Sargent, Bernard. Os Indo-Europeus: gênese e expansão de uma cultura. In: Lévéque, Pierre (org.). *As primeiras civilizações: da Idade da Pedra aos Povos Semitas*. Lisboa: Ed. 70, 2012.
- Von Salomon, Ernst. *El cuestionario*. Barcelona: Luis de Caralt, 1955.
- Willemín, Patrícia. O fantástico e os discursos do saber. *Organon*. Porto Alegre, II; UFRGS, v. 19, nn. 38-29, 2005.

